

Pensamentos Diversos escritos a um Doutor da Sorbonne a propósito do cometa que apareceu no mês de dezembro de 1680 – Excerto

PIERRE BAYLE

Tradução de Flavio Fontenelle Loque (UNIFEI). *E-mail*: flavioloque@yahoo.com

Revisão Técnica: Plínio Smith (UNIFESP). *E-mail*: plinio.smith@gmail.com

Obra de referência: Bayle, P. *Pensées diverses sur la comète* 2e édition complétée, 2e tirage Paris: Société des Textes Français Moderne, 1994. (Édition critique par A. Prat revue par P. Rétat)

Observação: Os *Pensamentos Diversos* foram originalmente publicados em 1682 sob o título *Lettre à M. L. A. D. C. Docteur de Sorbonne Où il est prouvé par plusieurs raisons tirées de la Philosophie et de la Théologie, que les Comètes ne sont point le présage d'aucun malheur. Avec plusieurs Reflexions Morales et Politiques, et plusieurs Observations historiques; et la refutation de quelques erreurs populaires* A Cologne chez Pierre Marteau. M.DC.LXXXII. A edição de PRAT reproduz o texto da segunda edição, de 1683, considerado definitivo: *Pensées diverses écrites à un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre 1680* A Rotterdam chez Reinier Leers. M.DC.LXXXIII e apresenta em notas de rodapé as variantes com relação à terceira edição, datada de 1699.

CXXXIII

VII. Prova *O ateísmo não conduz necessariamente à corrupção dos costumes*¹

Retorno a vós, Senhor, e começo por vos dizer que a razão sobre a qual nosso doutor mais amplamente insistiu foi esta aqui: que o que nos persuade de que o ateísmo é o mais abominável estado no qual se possa estar é apenas um falso preconceito formado acerca das luzes da consciência, a qual se imagina ser a regra de nossas ações, por falta de bem examinar as verdadeiras

molhas que nos fazem agir. Eis aqui o raciocínio que se faz. O homem é naturalmente racional, jamais ama sem conhecer, dirige-se necessariamente pelo amor a sua felicidade e pelo ódio a sua infelicidade, e por dar preferência aos objetos que lhe parecem os mais cômodos. Então, se está convencido de que há uma providência que governa o mundo e da qual nada pode escapar, que recompensa com uma felicidade infinita os que amam a virtude e pune com um castigo eterno os que se entregam ao vício, ele não deixará de se dirigir à virtude, fugir do vício e de renunciar às volúpias corporais, porque sabe muito bem que, por alguns momentos de prazer que as acompanham, elas atraem dores que jamais terão fim, ao passo que a privação desses prazeres passageiros é seguida de uma felicidade eterna. Se ignorar, porém, que haja uma providência, ele verá seus desejos como seu fim último e como a regra de todas as suas ações; zombará do que os outros chamam virtude e retidão [*honnêteté*] e seguirá apenas os movimentos de sua cobiça; ele se desfará, se puder, de todos que lhe desagradarem; fará falsos juramentos pela menor coisa; e, caso se encontre num posto que o coloque acima das leis humanas, tanto quanto já se colocou acima dos remorsos da consciência, não há crime que não se deva esperar dele. É um monstro infinitamente mais perigoso que as bestas ferozes, os leões e os touros raivosos dos quais Hércules livrou a Grécia. Alguém que não tivesse nada a temer da parte dos homens poderia ao menos ser contido pelo medo de seus Deuses (a). É assim que, desde sempre, colocaram-se rédeas nas paixões do homem e é certo que uma quantidade de crimes no paganismo foi prevenida pela preocupação que se tinha de conservar a memória de todas as notáveis punições dos celerados, atribuí-las à impiedade deles e de dela supor até alguns exemplos, como era aquele que se extraiu do tempo de Augusto na ocasião em que um templo da Ásia foi pilhado pelos soldados de M. Antônio (b). Dizia-se que quem primeiro pôs a mão sobre a imagem da Deusa que era adorada nesse templo havia perdido subitamente a visão e se tornado paralítico em todas as partes do corpo. Querendo esclarecer o fato, Augusto soube de um velho oficial que havia feito a pilhagem não somente que ele havia sempre se portado bem desde aquele tempo, mas também que essa ação o havia libertado de

constrangimentos pelo resto da vida. Também isto se extraiu daqueles que tiveram a temeridade de entrar, apesar da proibição que havia sido feita, num templo da Arcádia consagrado a Júpiter: que, depois dessa ação, seus corpos não faziam mais sombra (c). Aparentemente, a morte súbita do enviado dos latinos, que havia falado irreverentemente do Júpiter dos romanos em pleno Senado, sobre a qual Tito Lívio não ousa relatar nada de positivo (d), porque via que os autores estavam divididos nesse ponto, é uma fraude pia semelhante. Essas espécies de coisa, verdadeiras ou falsas, que obtinham um efeito muito bom sobre o espírito de um idólatra, não são de virtude alguma para um ateu, de modo que, estando inacessível a todas essas considerações, ele deve necessariamente ser o maior e mais incorrigível celerado do universo.

CXXXIV

Que a experiência combate o raciocínio que se faz para provar que o conhecimento de um Deus corrige as inclinações viciosas dos homens.

Tudo isso é bom e bonito para dizer, quando se observam as coisas em sua idéia e se fazem abstrações metafísicas. O mau, porém, é que isso não se acha conforme à experiência. Confesso que, caso se pedisse para adivinhar os costumes dos cristãos a pessoas de um outro mundo, às quais seria dito simplesmente que os cristãos são criaturas dotadas de razão e bom senso, ávidas pela felicidade, que estão persuadidas de que há um paraíso para aqueles que obedecem à lei de Deus e um inferno para aqueles que não a obedecem, essas pessoas de um outro mundo não deixariam de afirmar que os cristãos fazem o seu melhor para observar os preceitos do Evangelho; que é entre eles que mais se apontarão as obras de misericórdia, as orações e o esquecimento das injúrias, se é possível que entre eles alguém seja capaz de ofender o próximo. Donde, porém, proviria esse juízo tão vantajoso que eles fariam? É que considerariam os cristãos apenas numa idéia abstrata, pois, se os considerassem em detalhe e em todas as situações que os determinam a agir, rebaixariam bem a boa opinião que deles teriam formado e, tivessem eles vivido não mais de quinze dias entre nós, declararíamos que neste mundo

ninguém se conduz segundo as luzes da consciência.

CXXXV

Porque há tanta diferença entre o que se crê e o que se faz.

Eis o verdadeiro desvelamento dessa dificuldade. Quando se comparam os costumes de um homem que tem uma religião com a idéia geral formada acerca dos costumes desse homem, fica-se completamente surpreso por não se encontrar nenhuma conformidade entre essas duas coisas. A idéia geral prescreve que um homem que crê em Deus, num paraíso e num inferno faça tudo o que ele saiba ser agradável a Deus e não faça nada do que sabe ser-lhe desagradável. A vida desse homem, porém, mostra-nos que ele faz todo o contrário. Quereis saber a causa dessa incongruência? Ei-la. É que o homem não se determina a uma certa ação mais que a outra pelos conhecimentos gerais que tem do que deve fazer, mas pelo julgamento particular que possui de cada coisa, quando está a ponto de agir. Ora, esse julgamento particular bem pode estar conforme às idéias gerais que se tem do que deve ser feito, mas o mais frequente é não estar. Ele se acomoda quase sempre à paixão dominante do coração, à inclinação do temperamento, à força dos hábitos contraídos e ao gosto ou sensibilidade que tem por certos objetos. O poeta que fez Medéia dizer, *vejo e aprovo o bem, mas faço o mal* (e), representou perfeitamente bem a diferença que se encontra entre as luzes da consciência e o julgamento particular que nos faz agir. A consciência conhece em geral a beleza da virtude e nos força a concordar que não há nada mais louvável que os bons costumes. Quando, porém, o coração está possuído por um amor ilegítimo, quando se vê que, satisfazendo esse amor, desfrutar-se-á do prazer e que, não o satisfazendo, mergulhar-se-á em tristezas e inquietudes insuportáveis, não há luz da consciência que se imponha, consulta-se somente a paixão e julga-se que é preciso agir *hic et nunc* [aqui e agora] contra a idéia geral que se tem do dever. Isso mostra que não há nada mais sujeito à ilusão que julgar os costumes de um homem pelas opiniões gerais de que está imbuído. Seria ainda pior se suas ações fossem julgadas por seus livros e

por suas arengas, que, entretanto, são péssimas garantias das inclinações do autor. Pois o que se pode ver de mais grave que as queixas de Salústio contra a corrupção de seu século? Os mais severos observadores da antiga moral não teriam dito melhor. Todavia, Salústio não era mais sábio que ninguém. O censor foi obrigado a repreendê-lo por sua vida má em pleno senado (f): ele foi duas vezes acusado de adultério diante do pretor e, sendo surpreendido por Milão, escapou apenas por uma boa soma de dinheiro, que foi obrigado a pagar depois de ter sido admoestado. Se tivéssemos a arenga que Clódio proclamou perante o senado para se queixar da profanação das coisas santas, sem dúvida nela veríamos todas as marcas de uma grande piedade e muitas das figuras de retórica que representam tão vivamente a atrocidade de uma ação. Todavia, Clódio não era nada menos que zeloso pelo serviço divino. Ele próprio se vangloriava de ter sido fulminado por duzentas sentenças do senado por questões de religião (g) e ele havia profanado os mistérios da boa Deusa com a máxima insolência.

CXXXVI

Que o homem não age segundo seus princípios

Que o homem seja uma criatura racional, tanto quanto quiserdes; mas não é menos verdadeiro que ele quase nunca age de modo consequente a seus princípios. Ele tem bastante poder para as coisas de especulação, para não extrair más consequências, pois, neste tipo de matéria, peca muito mais pela facilidade que tem em receber falsos princípios que pelas falsas conclusões que deles infere. É bem diferente, porém, quando estão em questão os bons costumes. Quase nunca se entregando a falsos princípios, mantendo quase sempre em sua consciência as idéias da equidade natural, ele conclui, entretanto, quase sempre para a vantagem de seus desejos desregrados. Donde provém, eu vos pergunto, que, embora exista entre os homens uma prodigiosa diversidade de opiniões acerca da maneira de servir a Deus e de viver segundo as leis da conveniência [*bienséance*], vejam-se, entretanto, algumas paixões constantemente reinarem em todos os países e em todos os

séculos? Que a ambição, a avareza, a inveja, o desejo de se vingar, a impudicícia, e todos os crimes que podem satisfazer essas paixões sejam vistos por toda parte? Que o judeu e o maometano, o turco e o mouro, o cristão e o infiel, o indiano e o tártaro, o habitante da terra firme e o habitante das ilhas, o nobre e o plebeu, todos esses tipos de pessoa que no restante concordam, por assim dizer, apenas na noção geral de homem, sejam tão semelhantes com relação a essas paixões que se poderia dizer que se copiam uns aos outros? Donde provém tudo isso senão de que o verdadeiro princípio das ações do homem (excetuo aqueles nos quais a graça do Santo Espírito se mostra com toda sua eficácia) não é outro senão o temperamento, a inclinação natural para o prazer, o gosto adquirido por alguns objetos, o desejo de agradar a alguém, um hábito obtido no convívio com os amigos ou alguma outra disposição que advém do fundo de nossa natureza, independentemente do país no qual se nasce e dos conhecimentos com que se preencha o espírito?

É realmente preciso que seja assim, pois os antigos pagãos, sobrecarregados de uma quantidade incrível de superstições, perpetuamente ocupados em apaziguar a cólera de seus deuses, espantados por uma infinidade de prodígios, imaginando que os deuses eram os distribuidores da adversidade e da prosperidade de acordo com a vida que se levava, não deixaram de cometer todos os crimes imagináveis. Se não fosse assim, como seria possível que os cristãos, que conhecem tão claramente, por uma revelação sustentada por tantos milagres, que é preciso renunciar ao vício para ser eternamente feliz e não ser eternamente infeliz, que têm tantos excelentes pregadores pagos para fazer-lhes a esse respeito as mais vivas e as mais imperativas exortações do mundo, que encontram em toda parte tantos diretores de consciência zelosos e sábios e tantos livros de devoção, como, digo eu, seria possível em meio a tudo isso que os cristãos vivessem, como o fazem, nos maiores desregramentos do vício?

CXXXVII

Porque algumas cerimônias são regularmente observadas

Na verdade, as opiniões que se têm sobre o capítulo da religião e da conveniência são o princípio de algumas coisas regularmente observadas entre as pessoas de mesma fé, em qualquer lugar do mundo em que vivam, e entre as pessoas que compõem um mesmo povo, independentemente do humor que tiverem, aliás. Vê-se, por exemplo, que os judeus circuncidam suas crianças e observam o dia do sábado em todos os lugares do mundo onde são tolerados. Outrora, os persas aprovavam os casamentos incestuosos e neles se engajavam sem escrúpulos não somente quando permaneciam na Pérsia, mas também quando se habituavam e se multiplicavam em países estrangeiros nos quais esse tipo de casamento era detestado. Ao contrário, aqueles que eram de uma nação na qual o incesto era desaprovado não se casavam desse modo, mesmo quando moravam entre os persas; e os próprios persas que haviam abraçado a religião de Jesus Cristo não eram mais capazes de dar as mãos a essas alianças ilícitas. Bardesanes se serve dessa consideração para refutar os astrólogos no belo tratado que fez contra eles (h) e é seguramente uma razão muito boa para propor contra a astrologia judiciária.

Isso, porém, não destrói o que eu disse. Isso somente mostra que os homens se conformam às leis de sua religião quando podem fazê-lo sem se incomodar muito e vêem que o desprezo dessas leis lhes seria funesto. É por causa disso que os judeus observam suas festas e a circuncisão. Fazer circuncidar uma criança não é uma operação dolorosa para o pai, nem para a mãe, nem que tenha consequências perigosas para a criança. Isso não impede nem o pai, nem a mãe de acumular bens por todo tipo de invenção, de enganar, de caluniar, de fazer amor, de embriagar-se, se o coração lhes diz. Se tivessem a ousadia de não observar a cerimônia da circuncisão, eles se fariam excomungar e seriam olhados como monstros pelos outros judeus². Pode-se dizer a mesma coisa da observação das festas. Os que as dispensam se punem pelas próprias mãos não somente porque se expõem à repreensão, censura, multas, se isso vier a acontecer, mas também porque roubam de si mesmos o tempo mais agradável da vida. Pois as paixões do homem são tão engenhosas para se recompensar que elas encontram matéria de um grande triunfo até nas coisas que haviam sido destinadas contra elas. O que há de

mais cômodo que as festas? Não se trabalha, vestem-se as mais belas roupas, dança-se, brinca-se, bebe-se, os dois sexos se encontram juntos; por uma hora ou duas dadas a Deus, dez ou doze são dadas aos divertimentos. Eis sem dúvida uma importante vitória que a religião conquista sobre as paixões: fazer observar ou a circuncisão ou as festas.

Para os jejuns e as abstinências que a igreja nos impõe, confesso que não é tão fácil praticá-los como submeter-se à observação de festas e, entretanto, eles são praticados. Isso sem dúvida decorre, porém, ou de se poder praticá-los sem prejuízo das paixões dominantes ou de pouco a pouco se encontrar um expediente de deles esvaecer os principais incômodos ou de que não se quer passar por profano, o que às vezes é nocivo desde esta vida. Todos se abstêm de comer carne na quaresma: sim, mas todos se abstêm de maldizer o próximo? Abstêm-se de enriquecer por vias fraudulentas? Abstêm-se de olhar as mulheres de má vida? Todos renunciam à vingança? De modo algum. Cada um vive durante esse tempo como normalmente, exceto por assistir mais frequentemente ao sermão e, em vez de fazer duas grandes refeições e comer carne, contentar-se em comer tantas outras coisas no almoço que, depois disso, uma colação basta para todo o restante do dia. É assim que dela se valem aqueles que não fazem muito esforço para superar a gula, pois aqueles que para isso encontram grande dificuldade não deixam de recorrer à indulgência de seus diretores para ter a liberdade de dela se valer como bem lhes parecer. E, depois de tudo, não há jovem mulher que para ter a cintura mais delineada ou poupar recursos para comprar belas roupas não renuncie a uma boa mesa com mais alegria que os outros o fazem para observar os preceitos da igreja.

Assim, mantenhamos a nossa máxima e confessemos de boa fé que, se os homens observam várias cerimônias em virtude da religião que professam, ou da persuasão em que se encontram de que Deus o quer, é porque isso não os impede de satisfazer as paixões dominantes de seus corações ou mesmo porque o medo da infâmia e de algum outro castigo temporal os engaja nisso. Ou digamos que, se eles observam regularmente vários cultos penosos e incômodos, é porque querem recompensar desse modo seus

pecados habituais e harmonizar a consciência com suas paixões favoritas, o que sempre mostra que a corrupção da vontade é a principal razão que os determina.

Não me surpreendo que os casamentos incestuosos não tenham sido praticados entre os povos que os haviam carregado de ódio e ignomínia pública, pois o que é o homem para que uma barreira como essa não o retenha no dever, desde que ele não seja de uma nação que julgue a coisa de modo totalmente diferente e que não pense, como aparentemente faziam os persas, que as outras nações não entendem da conveniência? Para julgar, porém, se os cristãos proibem os casamentos dessa natureza porque Deus os interdita, seria preciso conhecer o que fariam a esse respeito caso o direito civil e o direito canônico lhes dessem plena liberdade de fazer o que quisessem, pois, no estado em que as coisas estão, não creio que se deva tomar como mérito diante de Deus não se casar com sua irmã. Há penas temporais bastante terríveis contra esse desregramento para dele ser desviado sem que a consciência se envolva. Se o direito civil e o direito canônico deixassem a coisa em nossa liberdade, é bem provável que não se faria maior escrúpulo disso que do adultério, do qual tantas pessoas são culpadas, ainda que seja um dos maiores crimes do mundo.

CXXXVIII³

Seria um trabalho infinito ocupar-se em esclarecer todas as objeções que se podem fazer contra essa doutrina, pois, sendo o espírito humano capaz de todas as bizarrices imagináveis, não se colocará jamais uma regra sobre esse tema que não receba mil exceções. Então, o que há a fazer é ater-se ao que ocorre mais frequentemente, a saber *que não são as opiniões gerais do espírito que nos determinam a agir, mas as paixões presentes no coração*. Com efeito, se um cristão bêbado e impudico se abstinisse de roubar porque sabe que Deus proibiu o furto, não se absteria também dos dois outros crimes, que sabe serem proibidos por Deus? E, se ele não se abstém dos dois primeiros, mas somente do furto, não é evidentemente ou porque ele teme a infâmia e

o suplício ou porque não é avaro ou, em geral, porque a inclinação de seu espírito não lhe faz encontrar nenhum charme em roubar? Mais uma vez, se as luzes da consciência fossem a razão que nos determina, os cristãos viveriam tão mal como vivem?

Notas

(a) *Si genus humanum et mortalia temnitis arma, / At sperate Deos memores fandi atque nefandi.* (Virgil. *Æn.* I)

(b) Vejai Sr. de Balzac. *Entret.* 34, cap. 3

(c) Theopompus *apud* Polyb.

(d) *Nam et vera esse et apte ad representandam iram Deum ficta, possunt.* (Dec., I, l. 8)

(e) *Video meliora proboque, deteriora sequor.* (Ovide. *Metam.*, l. 7)

(f) Gell. *Noct. Attic.*, l. 47, cap. 18

(g) Cicero de Arusp. respons.

(h) *Apud* Euseb. *Præpar. Evang.*, l. 6, c. 8

1 Jurieu: “Ele coloca este mau princípio, *que o ateísmo não conduz necessariamente à corrupção dos costumes*, e o prova em todos os artigos seguintes com enorme escândalo, pois, se esse é o caso, os magistrados não têm razão em perseguir os ateus e levá-los à morte. A crença num Deus, nas penas e recompensas após esta vida são vistas em toda parte como um freio que impede a devassidão, a qual faria a sociedade perecer.” Resposta de Bayle: “Ele tem razão em dizer que provo esse princípio, pois forneço razões demonstrativas. Entre os filósofos, uma causa necessária é sempre seguida de seu efeito. Então, visto que mostrei pela História que houve ateus bastante regrados na vida, é incontestável que o ateísmo não é uma causa necessária do desregramento dos costumes... Ele vê *com grande escândalo* que uma verdade lhe seja provada. Ele, portanto, não ama a verdade em si mesma. Ele a odeia quando não está conforme a seus preconceitos... Pretende ele que o magistrado deva punir os partidários da mentira apenas por causa de suas vidas más? Servet e Gentilis não foram postos à morte unicamente por causa de seus dogmas? Eis um homem num belo acordo consigo mesmo! Escreveu e pregou cem vezes que os magistrados devem perseguir os heréticos e aqui reconhece que, se os ateus fossem regrados em seus costumes, o magistrado não poderia levá-los à morte.”

2 Os judeus eram ímpios e cruéis com seus pais, iníquos com seus próximos, não emprestando nem pagando seus débitos porque davam ao templo: pensavam estar livres de todos os deveres e dispensavam todo mundo alegando Corbã. (Charron, *de la sagesse*, l. II, cap.V).

3 Na edição de 1699, esta seção é intitulada: *Exemplo que prova que as opiniões não são a regra das ações.*